Dia da cultura e da ciência

José Maria de Barros Pinho (*)

Falar na casa do Barão de Studart é tarefa agendada pelo destino, o que muito honra e seduz a quem o faz, a ponto de torná-lo para sempre um privilegiado. Esta é uma instituição que, ao longo do tempo, conseguiu o respeito dos que militam no campo das idéias e da pesquisa da historiografia brasileira. Aqui se trata com muita sabedoria da memória, do passado e do presente, ao tempo em que se encaminha instingantemente para o futuro dominado pelo conhecimento e pelo encanto mágico da cultura. Portanto, se há mérito na intervenção despretensiosa que ora pretendo formular neste laboratório modelar da inteligência cearense, a mim não me pertence, para pertencer a outra instituição, a FUNCET (Fundação de Cultura, Esporte e Turismo de Fortaleza), que se atira nos desafios e dificuldades da conjuntura nacional na administração das manifestações culturais mais legítimas e autênticas do povo.

Na imanência da função que exerço, vejo-me entre os sábios e mestres da História e da Ciência para discorrer comemorativamente sobre os rumos da cultura num fim de século marcado pela violência e pela perplexidade. Não tenho, Sr. Presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, professor Paulo Ayrton, mais do que uma intuição dos fatos históricos assegurada a mim pelo fascínio encantatório e estético da poesia. Como os gregos na Antigüidade Clássica inventaram a política e o poder, a poesia totalizante reinventou a própria vida. Só os poetas se antecipam aos fatos sociais vivendo neles mais a sua forma estética do que o seu conteúdo essencialmente histórico. A poesia trabalha a forma; o historiador anima o processo vital do conteúdo. Assim,

(*) Presidente da Fundação Cultural, do Esporte e Turismo de Fortaleza.

sobram razões ao lúcido escritor Albert Camus quando afirma: *"O artista, o poeta, não tem que fazer a História. O que ele deve é sofrer a História"*.

Na tentativa de compatibilizar o discurso literário com a política, estou avaliando, humildemente, após um razoável tempo de vida pública, que, se nunca me omiti no sonhar e no sofrer a História, dela fui me tornando mais um contemplativo do que um pragmático ambicioso como assim exige o exercício do poder. Por isso, estou muito à vontade não como monge, mas como missionário, ao examinar, pelos meandros amplos e dinâmicos do processo cultural, a destinação histórica da humanidade no alvorecer do novo milênio.

Ao certificar-me das crises moral e ética enfrentadas pelo homem destes velhos anos, anima-me, Sr. Presidente, a convicção axiológica da supremacia dos valores morais ao fim dessa apocalíptica transição histórica, experimentada pelos habitantes do planeta Terra.

Nada, absolutamente nada dessas coisas do mundo atual, pode causar espanto, nem a mim, e muito menos aos senhores que compreendem como ninguém os caminhos dramáticos percorridos pela evolução do homem na pós-modernidade.

A história é uma estrada larga margeada pelo tempo no desenvolvimento da cultura que se comporta no tecido social. Portanto, o temor do desafio, por mais dramático que seja, significa a negação da retomada do processo civilizatório. A transformação é uma lei didática e dialética da cultura alimentada no fluxo e refluxo da sociedade humana. Studart Hal em a *Identidade da Cultura na pós-modernidade*, confirma: *"As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Esta é a principal distinção entre as sociedades tradicionais e as modernas"*.

A história é o movimento, e a cultura, a mudança explicitada no tempo em que o espanto assume expressão de coragem na afirmação sábia do mineiro Francisco Iglésias: *"É a nossa vitalidade que nos torna possível o espanto. Podemos sentir espanto diante da coisas, enquanto outros só sentem temor. E nós sabemos o que é o espanto. Não só sabemos como temos ainda a coragem de*

proclamá-lo". É esta proclamação definidora da visão contemporânea do historiador, do profeta e do poeta diante das vicissitudes do mundo onde prospera a cultura do medo e da opressão.

A aventura de viver está marcada pelo cotidiano dos medos. O homem domina a natureza mas passa a ter medo de si próprio. O medo da violência se dissemina por todos os cantos da Terra, principalmente nos grandes centros urbanos, afetando a qualidade de vida numa escalada frustrante dos controles sociais.

George Duby em o *"Ano 1000 Ano 2000"*, na pista de nossos medos assegura: *"O historiador por conseguinte, tem o dever de não se fechar no passado e de refletir assiduamente sobre os problemas de seu tempo".* E uma reflexão aligeirada sobre a época desses medos apontados por Duby, encaminha-se para o questionamento do papel da cultura nos dias que correm. O mundo em processo avançado de globalização capitalista impõe a todas as atividades humanas um suporte econômico objetivando o lucro. É uma visão em que a produção cultural deve estar voltada para o mercado. Até a angústia e a esperança são colocadas nas prateleiras do consumo e do descartável.

Diante desse quadro desalentador, não pode ser diferente o tratamento dado à cultura. Hoje, na indústria cultural, onde se sobressai como valor a quantidade em detrimento, a mais das vezes, da qualidade, movimentam-se fabulosos investimentos. A obra cultural vale pela sua destinação no mercado; nunca pelo valor intrínseco capaz de melhorar o nível da consciência de cidadania das massas.

O processo de massificação da cultura por injunções econômicas, divulgado pelos meios de comunicação, rádios, jornais, e televisão, geralmente tem o perfil da novidade, mas quase sempre é desprovido de valor estético. Assim tenta-se democratizar a cultura sem se respeitar a inteligência criativa. Por outro lado, o produto cultural não consegue qualidade nessa produção quando assimilada pelas camadas de baixa renda da sociedade. A estética nessa cultura de massa está profundamente sacrificada pelo gosto duvidoso ou interesse de lucros das elites detentoras da informação e do conhecimento.

Nestas circunstâncias deve-se exigir um posicionamento mais efetivo e crítico das instituições culturais para evitar que o produto cultural de massa conduza a cultura ao estado de degradação estética. O belo e o bom não podem ser patrimônio dos eleitos do olimpo. Precisam ter uma destinação popular representativa da dignidade humana.

É esta, meus senhores, a minha reflexão nesta Casa de luz, onde a esperança jamais dará lugar ao pessimismo céptico dos que se perderam nos labirintos do tempo.

Confesso, finalmente, mesmo com essa convivência sagrada no templo dos historiadores, que, com esta fala não fiz história, no máximo criei expectativa pela sugestão mágica do discurso poético. Portanto, só me ocorre pedir-lhes permissão para repetir Ezra Pound:

"Sou um poeta e bebo a vida
Como os homens menores bebem vinho".

(Palestra proferida no dia 5 de novembro de 1998)